

ENSINAMENTOS PARA TODA A VIDA

Mateus 18 - 19

EBD – Revista Compromisso Ano CXV N° 458
Lição 09 – Domingo 30.05.2021



Elaborado por Rogério Senna
estudosmec@pibrj.org.br

“Respondeu-lhes Jesus: Por causa da dureza de vosso coração é que Moisés vos permitiu repudiar vossa mulher; entretanto, não foi assim desde o princípio.” Mt 19.8

Como afirmado na Revista Compromisso, os capítulos 18 e 19 de Mateus, tratam das relações pessoais e conforme afirmado pela autora do estudo, “conviver com as pessoas não é fácil. Cada um com seu temperamento e educação, muitas vezes, a convivência se torna insustentável”.

Neste estudo vamos analisar a discussão dos discípulos a respeito de quem é o maior no Reino dos céus; Jesus os alertará sobre os escândalos; Jesus prevenirá contra o desprezar o próximo; o Mestre proferirá a parábola do credor incompassivo. Já no capítulo 19 do Evangelho de Mateus o estudo centra-se nos conflitos religiosos proporcionado pelos líderes religiosos de então. Nesta oportunidade Jesus vai nos ensinar sobre o casamento e o divórcio; e por último Jesus abençoa as crianças.

Quem é o maior no Reino dos Céus? Esta era a preocupação dos discípulos. Jesus então usou uma criança para ajudar os seus egocêntricos discípulos a entenderem o assunto. Jesus nos ensina

que a humildade é o portal de entrada no Reino dos céus. No Reino dos céus os valores estão invertidos, pois o maior é o menor. A porta de entrada no Reino é o reconhecimento de sua dependência plena de Deus. Os discípulos ainda pensavam em um reino terreno e político, em que a grandeza de uma pessoa consistia na alta posição que ocupava. Os discípulos estavam preocupados em projeção, grandeza e especial distinção. Jesus os repreende e mostra a eles a necessidade da humildade. A ambição e o desejo de preeminência dos discípulos soavam mal, sobretudo em face do que Jesus acabara de lhes falar sobre o seu sofrimento e morte. Jesus dava mostras do seu esvaziamento e humilhação, a ponto de entregar voluntariamente sua vida em favor dos pecadores enquanto os discípulos, cheios de vaidade e soberba, discutem sobre qual deles era maior. O orgulho ainda é um dos pecados mais comuns encrustados na natureza humana. A Bíblia é clara ao afirmar que aquele que se exalta será humilhado, mais o que se



humilha será exaltado. Os discípulos precisam ser convertidos do egoísmo à humildade.

No Reino de Deus os menores são absolutamente importantes. Jesus mostra o exemplo das crianças, pois a marca delas é a sua plena dependência e segura confiança. Assim que devemos ser. O ensino que Jesus quer transmitir é o seguinte: ser grande no Reino de Deus é cuidar daqueles que são menos valorizados, daqueles que são mais carentes e mais necessitados.

Jesus também advertiu os discípulos sobre as duas maneiras de fazer os outros cometerem pecados: por meio da tentação e da negligência ou depreciação. Não podemos ser pedras de tropeço para alguém, devemos evitar provocar escândalos; a atitude contra o pecado deve ser radical. O Reino de Deus exige renúncia de tudo aquilo que nos afasta da santidade. Como líderes, devemos ajudar os jovens, ou os novos crentes, a evitar qualquer coisa que possa fazê-los tropeçar na fé e levá-los ao pecado. Nunca devemos nos descuidar da educação espiritual ou da proteção para com aqueles que são jovens em idade, ou novos na fé. Inclusive, somos alertados por Jesus a remover as pedras de tropeço que nos fazem pecar. Isso não quer dizer que devemos mutilar nosso corpo. Para a Igreja, isso significa que qualquer pessoa, programa ou ensino que seja uma ameaça

de crescimento espiritual do Corpo deve ser eliminado. Para o cristão, significa que qualquer relacionamento, prática ou atividade que o leve a pecar deve ser imediatamente interrompido. Jesus disse que é melhor ir para céu com uma só mão do que para o inferno com as duas. O pecado afeta mais do que nossas mãos, abala nossa mente e nosso coração. Como afirma o apóstolo Paulo - **Assim, façam morrer tudo o que pertence à natureza terrena de vocês: imoralidade sexual, impureza, paixão, desejos maus e a ganância, que é idolatria** - Colossenses 3:5.

Jesus continua a nos ensinar e nos mostra agora os passos da disciplina cristã. Analisemos um caso de ofensa pessoal, quando uma pessoa pecou contra você. O ensino do Mestre Jesus é que não podemos guardar isto no coração, para deixar florescer a mágoa. A orientação bíblica é a seguinte - **"Se o seu irmão pecar contra você, vá e, a sós com ele, mostre-lhe o erro. Se ele o ouvir, você ganhou seu irmão. Mas se ele não o ouvir, leve consigo mais um ou dois outros, de modo que 'qualquer acusação seja confirmada pelo depoimento de duas ou três testemunhas"** - Mateus 18:15,16. Aqui Jesus enfatiza o relacionamento com os irmãos da Igreja, não os incrédulos; aos pecados cometidos contra você, e não contra outras pessoas; a resolução dos

conflitos no contexto da Igreja, e não na comunidade em geral. As palavras de Jesus não dão permissão para um ataque frontal a cada um que nos ofenda ou despreze. Não autorizam o início de uma destruidora campanha de difamação ou a intimação para um julgamento por parte da Igreja. As palavras de Cristo foram destinadas a reconciliar aqueles que estão em desacordo, para que todos os cristãos possam viver em harmonia. Quando alguém nos ofende ou nos causa algum agravo, geralmente fazemos o oposto do que Jesus recomenda. Afastamo-nos com ódio ou ressentimento, procuramos a vingança ou envolvemo-nos em mexericos. No entanto, primeiro devemos procurar tal pessoa, por mais difícil que isso possa parecer. Depois devemos perdoá-la tantas vezes quantas forem necessárias. Esta atitude criará uma melhor oportunidade para a restauração do relacionamento.

Jesus ainda adverte: "Digo-lhes a verdade: Tudo o que vocês ligarem na terra terá sido ligado no céu, e tudo o que vocês desligarem na terra terá sido desligado no céu - Mateus 18:18. O que Jesus está querendo ensinar? Jesus quer nos mostrar que esta autoridade para ligar e desligar se refere às decisões da Igreja quanto aos conflitos com seus membros. Entre os cristãos, não existe um tribunal de apelação, além da Igreja. Assim, o ideal é que as decisões congregacionais sejam

guiadas por Deus e baseadas no discernimento de sua Palavra, pois os cristãos devem levar seus problemas ao conhecimento da Igreja e esta tem a responsabilidade de usar a orientação divina, para procurar a solução dos conflitos. Resolver os problemas conforme a vontade de Deus causará impacto agora e por toda a eternidade.

Assim, o Senhor Jesus passa a contar uma parábola para ilustrar os efeitos do perdão. Temos agora a parábola do credor incompassivo, ou seja, aquele credor cruel que não buscou exercitar o perdão para com o seu conservo, já que, anteriormente ele fora alvo do perdão do seu credor. Vejamos o que podemos extrair desta parábola! Como já afirmado a tônica aqui é o perdão e a ideia é que devemos perdoar nosso irmão na mesma medida em que fomos perdoados por Deus. Não podemos nos esquecer que fomos perdoados de uma dívida impagável. Pedro perguntou a Jesus: "Senhor, quantas vezes deverei perdoar a meu irmão quando ele pecar contra mim? Até sete vezes? "Jesus respondeu: "Eu lhe digo: não até sete, mas até setenta vezes sete - Mateus 18:21,22. Cristo aqui faz menção de setenta vezes sete, de tal forma que sua proposta mostrava que o perdão deve ser oferecido sem limites ou restrições. Pense que devemos perdoar ilimitadamente, como Deus em Cristo nos perdoou. Na parábola Jesus ensina que o homem tinha uma

dívida impagável. Precisamos entender que no campo espiritual, nenhum ser humano pode saldar sua dívida com Deus. Todos carecemos da misericórdia de Deus para sermos perdoados. Na parábola também nos é mostrado que o perdão de Deus é imerecido, pois o perdão não é merecimento; é graça. Deus nos perdoa não por quem nós somos, mas por quem Ele é. A base do perdão é a graça divina. Nós jamais pagaremos a nossa dívida com Deus. O perdão de Deus é completo, pois dívida perdoada é dívida cancelada. Deus nunca mais lança no nosso rosto os pecados dos quais Ele nos perdoa. O perdão de Deus é baseado em sua compaixão, sendo ele pura graça.

Qual o perdão que devemos dar? A resposta de Jesus a Pedro é desconcertante. Extrapola todos os limites da razoabilidade. Vai além da capacidade humana. A lição que Jesus apresenta nesta parábola é que recebemos de Deus um perdão infinitamente maior do que aquele que devemos conceder a quem nos deve. Jesus deixa claro que um coração que não perdoa não pode ser perdoado. Importante lembrar que jamais conseguiremos entender o perdão a menos que tenhamos a consciência do perdão que recebemos de Deus. Quando sonegamos perdão às pessoas que nos ofendem, estamos sendo ingratos a Deus. A falta de perdão desperta a ira de Deus. Uma pessoa que não perdoa é

imperdoável e está debaixo da ira de Deus. A falta de perdão também gera profunda tristeza às pessoas. Onde o coração se fecha para o perdão, não floresce a alegria da comunhão. Quem não perdoa não tem paz. Quem não perdoa não pode orar, nem ofertar; a falta de perdão pavimenta a vitória do Diabo na vida da pessoa. Sem o exercício do perdão, não existe recebimento de perdão. Quem nega perdão ao irmão não recebe perdão do Pai. O que fica claro na parábola do devedor incompassivo é que somos devedores a Deus; nenhum de nós pode pagar a própria dívida; nossa dívida foi paga; motivado pela gratidão, o pecador perdoado deve sempre perdoar aos seus devedores. Jesus agora enfrenta os líderes religiosos que o experimentam com relação ao divórcio. O que desejavam os fariseus? Qual a verdadeira intenção deles? Precisamos lembrar que João Batista, o precursor de Jesus, foi aprisionado e morto e um dos fatores que colaboraram para isso foi sua manifesta opinião sobre o casamento e o divórcio. Assim, os fariseus esperavam apanhar Jesus na mesma armadilha. Esperavam que o Mestre Jesus caísse em controvérsias teológicas. Duas escolas de pensamento apresentavam diferentes opiniões sobre o divórcio. Um grupo apoiava o divórcio por qualquer razão, enquanto o outro acreditava que só deveria ser permitido em caso de infidelidade conjugal. Este conflito tinha

sua origem em diferentes interpretações do texto de Deuteronômio 24:1-4. Entretanto a resposta de Jesus deu mais ênfase ao casamento do que ao divórcio; Ele afirmou que Deus desejava que o casamento fosse permanente. Jesus voltou ao livro de Gênesis. O casamento nasceu no coração de Deus quando não havia ainda legisladores, leis, Estado nem Igreja. O casamento nasceu no céu, e não na terra; nasceu no coração de Deus, e não no coração do homem. É expressão do amor de Deus. Já com relação ao divórcio Jesus enfatizou que não é compulsório, pois Deus permite a dissolução do casamento, mas jamais o ordena. O divórcio jamais foi o ideal de Deus para a família. Os fariseus perguntaram: **"Então, por que Moisés mandou dar uma certidão de divórcio à mulher e mandá-la embora?"** - Mateus 19:7. Esta pergunta revela o uso equivocado que os judeus faziam do que estava no Pentateuco – **Se um homem se casar com uma mulher e depois não a quiser mais por encontrar nela algo que ele reprovava, dará certidão de divórcio à mulher e a mandará embora. Se, depois de sair da casa, ela se tornar mulher de outro homem, e o seu segundo marido não gostar mais dela, Ihe dará certidão de divórcio, e mandará embora a mulher. Ou também, se ele morrer, o primeiro marido, que se divorciou dela, não poderá casar-se com ela de novo,**

visto que ela foi contaminada. Seria detestável para o Senhor. Não tragam pecado sobre a terra que o Senhor, o seu Deus, lhes dá por herança - Deuteronômio 24:1-4. O ensino de Moisés sobre o divórcio neste texto revela três pontos básicos. Primeiro, o divórcio foi permitido com o objetivo de proibir o homem de tornar a casar-se com a primeira esposa, caso tivesse se divorciado dela. O propósito da Lei era proteger a mulher do primeiro esposo imprevisível e talvez cruel. Em segundo lugar, a permissão do divórcio era apenas no caso de o marido encontrar na esposa alguma coisa indecente. Em terceiro lugar, se o divórcio era permitido, também o era o segundo casamento.

Os fariseus interpretaram equivocadamente a Lei de Moisés sobre o divórcio como dissemos. Eles entenderam o divórcio como um mandamento. Cristo o chamou de uma permissão, uma tolerância. Moisés não ordenou o divórcio; ele o permitiu. Moisés permitiu o divórcio em razão da obstinação do coração humano, e não em virtude de sua aprovação como algo bom e recomendável pela lei. Jesus destacou que a indissolubilidade do casamento fazia parte das intenções de Deus, mas devido à natureza pecaminosa do homem ter tornado o divórcio inevitável, Moisés instituiu algumas normas para ajudar as vítimas de adultério. Eram leis civis,

especialmente destinadas à proteção da mulher, como afirmado, que naquela cultura, ficava totalmente vulnerável se vivesse sozinha. Com a Lei de Moisés, um homem não poderia mais simplesmente expulsar a mulher de casa, deveria escrever uma carta formal de dispensa. Esse foi um grande passo em direção aos direitos civis, pois fez com que o homem passasse a pensar melhor a respeito do divórcio. Deus projetou o casamento para ser indissolúvel. Ao invés de procurar razões para se separar, marido e esposa devem concentrar-se em procurar meios de continuarem juntos.

Observe o que Jesus disse ainda: **Eu lhes digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual, e se casar com outra mulher, cometerá adultério**" - Mateus 19:9. Jesus ensina sobre relações sexuais ilícitas. A penalidade da morte estabelecida no Antigo Testamento foi substituída pelo divórcio no Novo Testamento. Jesus revogou a penalidade de morte para o adultério e legitimou o divórcio nesse caso. O divórcio é um produto de corações duros. O divórcio representa a desobediência aos imutáveis princípios de Deus. A dureza do coração é a indisposição de obedecer a Deus e perdoar ao outro. Onde não há perdão, não há casamento. Não se esqueça do que Malaquias afirma - **"Eu odeio o divórcio", diz o Senhor, o Deus de Israel, e "o**

homem que se cobre de violência como se cobre de roupas", diz o Senhor dos Exércitos. Por isso tenham bom senso; não sejam infiéis – Malaquias 2:16. No tempo do profeta os homens casavam-se com mulheres que adoravam ídolos. O divórcio era comum e acontecia sem razão alguma que não fosse um desejo de mudança. O povo agia como se fosse permitido fazer qualquer coisa, sem sofrer qualquer punição. E questionava por que Deus se recusava a aceitar suas ofertas e abençoá-lo. Não podemos ser bem-sucedidos, se separamos a nossa comunhão com Deus do restante de nossa existência. Ele deve ser Senhor de tudo. **Jesus disse que Deus permitiu o divórcio, mas nunca o estabeleceu como fruto de sua vontade. Por causa da dureza de coração, Jesus permitiu o divórcio em caso de adultério, mas não o permitiu em outros casos. Atente novamente para o texto bíblico - Eu lhes digo que todo aquele que se divorciar de sua mulher, exceto por imoralidade sexual, e se casar com outra mulher, cometerá adultério"** – Mateus 19:9.

Jesus declara que o casamento é uma união física e permanente que só pode ser quebrada por uma causa física: a morte ou a infidelidade sexual. Em resumo: Jesus estava dizendo que, se um casal se divorcia em oposição à lei divina, os cônjuges permanecem casados aos olhos

de Deus, mesmo se o Estado tiver dissolvido o casamento.

Logo depois deste embate com os fariseus, Jesus abençoa as crianças. Os discípulos se esqueceram do que Jesus havia dito sobre as crianças - **Portanto, quem se faz humilde como esta criança, este é o maior no Reino dos céus." Quem recebe uma destas crianças em meu nome, está me recebendo. Mas se alguém fizer tropeçar um destes pequeninos que crêem em mim, melhor lhe seria amarrar uma pedra de moinho no pescoço e se afogar nas profundezas do mar** - Mateus 18:4-6.

Jesus queria que os pequeninos fossem a Ele, porque os amava e porque confiavam sinceramente em Deus. O Mestre não estava dizendo que o céu existia somente para as crianças, mas que todas as pessoas precisam ter essa mesma fé inocente em Deus. A receptividade dos pequeninos assinalava um evidente contraste com a rebeldia dos líderes religiosos, que permitiam que sua cultura e sofisticação bloqueassem uma fé sincera, necessária para que se tenha a presença de Jesus. A ideia aqui também é que devemos ser facilitadores para que as crianças possam ir a Cristo. Aliás, nenhuma Igreja pode ser considerada saudável se não acolher bem as crianças. O que os discípulos estavam fazendo, quando coíbiavam as crianças de se aproximarem de Jesus, demonstrava

imitação com a conduta dos fariseus. A atitude deles fazia as pessoas concluírem que Jesus era uma pessoa preconceituosa e sofisticada como as autoridades religiosas de Israel. Entretanto, Jesus já havia dado fartas provas de sua compaixão com os necessitados e excluídos. Jesus nunca escorraçou as pessoas. Ele jamais mandou embora aqueles que o buscaram. Ele convida a todos. As crianças fazem parte da família de Deus; receber uma criança em nome de Jesus é receber a Jesus. Quando Jesus disse que o Reino dos céus pertence às crianças o que Ele quer deixar latente é o fato de que elas creem e confiam. Elas se entregam e descansam. Devemos despojar-nos da nossa pretensa capacidade e sofisticação e retornar à simplicidade das crianças, confiando em Jesus com uma fé simples e sincera.

Na parte final da lição Jesus passou a falar sobre o perigo das riquezas. O dinheiro é o ídolo que tem o maior número de adoradores neste mundo. A história do jovem rico é comovente e de todas as pessoas que buscaram a Cristo, este homem é o único que saiu pior do que chegou. Ele procurou a pessoa certa e abordou o tema certo, bem como recebeu a resposta certa, contudo tomou a decisão errada. Jesus deixou bem claro para o rapaz que o procurou que a salvação é para aqueles que estão dispostos a abandonar tudo. O jovem mencionado por

Mateus tinha toda sua vida pela frente e toda a oportunidade de investir o seu futuro no reino dos céus. Era uma pessoa riquíssima, o que denota ser ele um jovem brilhante, inteligente e capaz. A Bíblia também diz que ele era proeminente, no sentido de que era um homem de posição, ou seja, de status elevado na sociedade. Ele tinha fama e glória. Era também virtuoso, pois se julgava portador de excelentes predicados morais. Considerava-se um jovem íntegro. O jovem, contudo, estava insatisfeito com sua vida espiritual. O coração dele ainda estava vazio. Deus colocou a eternidade no coração do homem e nada deste mundo pode preencher esse vazio. Na realidade o jovem estava cansado da vida que levava. A consciência dele estava intranquila. Jesus citou o que ele não tinha. Verificamos que este jovem também era uma pessoa sedenta de salvação. O dinheiro não o tinha dado tudo. Ele sabia que não possuía a vida eterna, a despeito de viver uma vida correta aos olhos dos homens. Ele foi a Jesus, a pessoa certa. Ele não buscou atalhos, mas entrou pelo único caminho que leva ao céu. Ele também foi com pressa a Jesus. Interessante destacar que naquela época, pessoas importantes não corriam em lugares públicos, mas esse jovem correu. Ele tinha pressa e urgência em salvar sua alma. Outro detalhe: ele foi a Jesus de forma reverente, pois diz o texto sagrado

que ele se humilhou e caiu de joelhos aos pés de Jesus. Isto já demonstra um coração quebrantado e uma alma sedenta. E o mais importante: ele foi amado por Jesus, pois diz a Palavra que Jesus o fitou e o amou. Jesus viu o seu conflito, o seu vazio, a sua necessidade; viu o seu desespero espiritual e se importou com ele e o amou.

Contudo, as riquezas enganam, pois ele achava que a salvação era uma questão de mérito e não um presente da graça de Deus. Embora o seu desejo de ter a vida eterna fosse sincero, ele estava enganado quanto à maneira de alcançá-la. Ele queria obter a salvação por obras e não pela graça. Precisamos enfatizar que a salvação não consiste naquilo que fazemos para Deus, mas no que Deus fez por nós em Cristo Jesus. O jovem rico não tinha consciência de quão pecador ele era. Ele pensava que guardava a lei, contudo havia quebrado os dois dos mandamentos principais: amar a Deus e ao próximo. O problema é que ele era idólatra, já que seu deus era o dinheiro. O que faltava nele? O novo nascimento, a conversão, o buscar a Deus em primeiro lugar. Ele queria a vida eterna, mas não renunciou aos seus ídolos. A salvação é para aqueles que odeiam o seu pecado e desejam dar as costas às coisas desta vida. Jesus viu no coração desse homem o amor ao dinheiro como a raiz de todos os seus males. O jovem também estava enganado a respeito

de Jesus, pois o chamara de “bom Mestre”, mas não estava pronto para lhe obedecer. Ele pensa que Jesus é apenas um rabi, e não o Deus verdadeiro feito carne. Ele estava completamente enganado acerca da verdadeira riqueza. Jesus o desafiou de forma incisiva com cinco imperativos – vai, vende, dá, vem e segue-me. O jovem rico perdeu a riqueza eterna, por causa da riqueza temporal. O problema não era a riqueza, porém a autossuficiência; o problema não é ter dinheiro, mas o dinheiro nos ter; o problema não é a riqueza, mas a riqueza como um substituto de Deus. A confiança em Deus implica o abandono de todos os ídolos. Jesus nunca condenou a riqueza, porém a confiança nela.

Jesus ainda afirmou: **E lhes digo ainda: é mais fácil passar um camelo pelo fundo de uma agulha do que um rico entrar no Reino de Deus** - Mateus 19:24. O camelo era o maior animal da Palestina, e o fundo de uma agulha o menor orifício conhecido na época. Por meio dessa comparação Jesus deseja expressar o impossível. Os discípulos que estavam próximos ficaram aturdidos - **Ao ouvirem isso, os discípulos ficaram perplexos e perguntaram: "Neste caso, quem pode ser salvo?"** – Mateus 19:25. A conversão de um pecador é uma obra sobrenatural do Espírito Santo. Ninguém pode salvar a si mesmo. Ninguém pode regenerar a si mesmo. Somente Deus pode fazer de um

amante do dinheiro um adorador do Deus vivo.

Pedro ainda disse: **"Nós deixamos tudo para seguir-te! Que será de nós?"** - Mateus 19:27. Inegavelmente, Deus concede recompensas ao povo de acordo com a sua justiça. No Antigo Testamento, muitas vezes a obediência trouxe recompensas terrenas (Dt 28), mas a obediência nem sempre é imediatamente acompanhada pela recompensa. Se assim fosse, os bons sempre seriam ricos e o sofrimento seria sinal de pecado. Como cristãos, nossa recompensa é a presente e o poder de Cristo por intermédio de seu Espírito Santo que habita em cada um de nós. Mais tarde, na eternidade, seremos recompensados por nossa fé e nosso serviço a Deus. Se as recompensas materiais nessa vida nos fosse concedida por cada boa ação que praticássemos, seríamos tentados a vangloriar-nos de nossas conquistas e agir por motivos equivocados.

Jesus assegurou a seus discípulos que aquele que, em seu nome, renunciar a algo valioso, receberá cem vezes esse valor em vida, embora não necessariamente da mesma forma - **E todos os que tiverem deixado casas, irmãos, irmãs, pai, mãe, filhos ou campos, por minha causa, receberão cem vezes mais e herdarão a vida eterna** - Mateus 19:29. Por exemplo, uma pessoa pode ser rejeitada por sua família natural por aceitar a Cristo, mas

será recompensada por passar a fazer parte de uma família muito maior: a espiritual.

Jesus encerra com esta máxima:

Contudo, muitos primeiros serão últimos, e muitos últimos serão primeiros" - Mateus 19:30. Jesus

contrariou os valores do mundo. Pense nas pessoas mais poderosas e conhecidas. Quantas chegaram a ocupar esse

lugar por serem humildes, gentis ou por colocarem-se em segundo plano? Não muitas! Mas na vida futura, os últimos serão os primeiros. Não perca o direito às recompensas eternas em troca de benefícios passageiros. Esteja disposto a fazer sacrifícios agora, para alcançar maiores recompensas mais tarde. Esteja disposto a suportar a censura, por saber que sua vida tem a aprovação divina.

Por tua graça, ó Pai, tu nos adotaste e nos fizeste herdeiros da vida eterna. Move-nos a responder a tamanha bondade nos sacrificando, de forma voluntária, a ti. Amém!

Referências

- 1) Bíblia de Estudo Aplicação Pessoal – CPAD – 2003
- 2) Bíblia Brasileira de Estudo – Editora Hagnos – 2016
- 3) Bíblia de Estudo da Reforma – Sociedade Bíblica do Brasil – 2017
- 4) Bíblia Shedd – Antigo e Novo Testamento – Edições Vida Nova – 2007
- 5) Comentário Expositivo do Novo Testamento – Volume 1 – Os Evangelhos - Editora Hagnos/2019 – Hernandes Dias Lopes